

A PEDAGOGIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO QUADRO DE REFERÊNCIA DO PROGRAMA MARXIANO DE EDUCAÇÃO

Wandick Nogueira Maciel¹

RESUMO

Trazer à tona as virtualidades pedagógicas dos movimentos sociais como objeto de estudo da pedagogia é uma exigência que se impõe no contexto de regressão das conquistas civilizatórias da moderna sociedade capitalista. O objetivo deste artigo é localizar a pedagogia dos movimentos sociais no interior do quadro de referência do Programa Marxiano de Educação (PME). O PME é uma concepção pedagógica que vem sendo elaborada pelo educador cearense Justino de Sousa Júnior. Tal proposta educativa, que se encontra apoiada nos textos de Marx e Engels, compreende os movimentos sociais como práxis político-educativa. Trata-se de uma práxis mais radical, que contribui, mais decisivamente, para o desenvolvimento da consciência de classe dos trabalhadores e do conjunto dos oprimidos. O PME elege então a práxis político-educativa como o princípio pedagógico fundamental da pedagogia socialista. Metodologicamente, o artigo estará ancorado nos pressupostos do materialismo histórico e dialético. Com efeito, desse referencial teórico-metodológico destacamos as categorias intelectivas da totalidade e da práxis. Neste trabalho, sustentamos que o PME é uma elaboração pedagógica mais radical e abrangente dada a centralidade do seu enfoque na materialidade.

Palavras-chave: Movimentos sociais, Programa marxiano de educação, Classe trabalhadora.

Introdução

Trazer à tona as virtualidades pedagógicas dos movimentos sociais como objeto de reflexão da pedagogia, parece ser uma exigência que se impõe no contexto de regressão das conquistas civilizatórias da moderna sociedade capitalista. Por uma exigência ético-política nos situamos dentro de uma perspectiva pedagógica preocupada com as virtualidades pedagógicas dos movimentos sociais protagonizados pela classe trabalhadora. Com efeito, no plano da realidade social os movimentos sociais podem ser conservadores como potencialmente revolucionários (RIBEIRO, 2013).

A regressão anteriormente mencionada se define grosso modo como resultado da *vingança do capital* contra a classe trabalhadora. Tal vingança, que nada mais é que a retomada de um novo processo de acumulação e centralização de capital, vem deitando raiz no âmbito de um quadro mais amplo de mudanças qualitativas e quantitativas que

¹Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará-UECE. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará-UFC, wandicknogueira@gmail.com.

vêm impactando o conjunto das relações sociais². Pois a classe trabalhadora, através dos seus instrumentos de luta (pense-se na força dos grandes sindicatos e partidos operários) foi a força social realmente existente que conseguiu em alguma medida imprimir algum nível de civilidade à sociedade capitalista; ora rompendo radicalmente com o capital ora imprimindo reformas sociais significativas dentro do sistema (BRAZ, 2011).

Diante do exposto, fica subjacente que a superação das tendências destrutivas em curso requer o movimento prático de coletividades potencialmente revolucionárias. Tal movimento é, ele mesmo, resultado de um processo educativo que tem nos movimentos sociais um sujeito pedagógico por excelência.

O objetivo deste artigo é localizar a pedagogia dos movimentos sociais no quadro de referência do Programa Marxiano de Educação (PME). O PME é uma concepção pedagógica que vem sendo elaborada pelo educador cearense Justino de Sousa Júnior. Duas obras de sua autoria se destacam: *Marx e a crítica da educação: da expansão liberal-democrática à crise regressivo-destrutiva do capital, publicada em 2010*, e *Práxis, ontologia e formação humana*, cuja publicação se deu em 2021. A ideia de um Programa educativo referenciado nas formulações de Marx e Engels não é comum. No seu quadro de referência a pedagogia dos movimentos sociais se apresenta como práxis

² Alguns autores vêm destacando que estamos diante de uma crise sem precedentes do modo de produção capitalista. Nesse novo contexto, iniciado na década de 1970, a lógica do capital pode ser situada no interior de uma *produção destrutiva* com repercussões extremamente complicadas sobre a totalidade do sistema do capital. Mézaros (2002), por exemplo, vem afirmando tratar-se de uma crise estrutural do capital que traz no seu bojo igualmente uma crise política sem precedentes. O filósofo húngaro chama a atenção para a inviabilidade, no longo prazo, de políticas anticíclicas (pense-se no welfare state que emergiu no final da Segunda Guerra Mundial) capazes de impor limites à sede de lucro do capital. No plano das contradições que se avolumam no interior da *pluralidade de capitais* os embates entre China e EUA atestam um cenário sombrio no que tange aos rumos da produção mundial de mercadorias. Tal cenário pode ser visualizado atualmente na guerra entre “Rússia e Ucrânia” e nas investidas colonialistas de Israel contra a Palestina, inflamando todo o Oriente Médio. No Brasil, especialmente depois do golpe parlamentar-jurídico-midiático-empresarial que destituiu Dilma Rousseff da presidência da república, em 2016, inúmeros ataques contra a classe trabalhadora vêm sendo efetivados, a exemplo da PEC 95, que congelou os investimentos públicos por 20 anos, da Reforma Trabalhista, da Reforma do Ensino Médio, da Reforma da Previdência e, mais recentemente, do “novo arcabouço fiscal” do governo Lula. Em termos educacionais os impactos da crise estrutural do capital atuam igualmente em consequência. No caso da escola, em particular, movimentos sociais burgueses avançam implacavelmente sobre a educação pública para fazer valer a *total mercantilização da educação* (FREITAS, 2018; LAVAL, 2004; LEHER, 2016; SOUSA JÚNIOR, 2014). Mas como nos lembra Mézaros (2008) a educação formal, apesar de sua importância, é tão somente uma parte do sistema de internalização do capital. Ressalte-se, nesse sentido, a força da *educação empreendedora* que vem conquistando corações e mentes. Mas tal educação não vem resultando da força de discursos proferidos no interior da sala de aula ou mesmo através da narrativa dos monopólios midiáticos, mas, sobretudo pelo papel educativo da própria *materialidade da superexploração do trabalho* explicitada na informalidade, no desemprego e, não menos importante, no rebaixamento do mercado de trabalho formal. Poderíamos ainda mencionar os impactos da crise do capital sobre uma questão de fundo: a relação homem e natureza. Nesse caso, vale destacar os debates calorosos em torno do que vem sendo denominado de antropoceno concomitante às tentativas de extrair dos escritos de Marx e Engels uma teoria ecossocialista, a exemplo do quem vem propondo Foster (2023) e Saito (2021).

político-educativa, como princípio pedagógico fundamental da pedagogia socialista. Metodologicamente o artigo estará apoiado nos pressupostos do materialismo histórico dialético. Com efeito, destacamos no interior desse referencial duas categorias intelectivas: a categoria da totalidade e a categoria da práxis. A categoria da totalidade ajuda-nos a pensar o objeto dentro de suas múltiplas *determinações significativas*. Apresenta-se, portanto, como categoria metodológica que busca superar dialeticamente o dado empírico em direção à sua essência.

A observação empírica tem de provar, em cada caso particular, empiricamente e sem nenhum tipo de mistificação ou especulação, a conexão entre a estrutura social e política e a produção. A estrutura social e o Estado provêm constantemente do processo de vida de indivíduos determinados, mas desses indivíduos não como podem a aparecer na imaginação própria ou alheia, mas sim tal como realmente são, quer dizer, tal como atuam, como produzem materialmente e, portanto, tal como desenvolvem suas atividades sob determinados limites, pressupostos e condições materiais, independentes de seu arbítrio (MARX e ENGELS, 2007, p. 93).

Por conseguinte, totalidade não é tudo na forma de um processo de somação infinito (LOWY, 1991; MARX, 2008; PINTO, 2008; TONELO, 2021) onde o que conta é tão somente a capacidade de quantificar os aspectos da realidade social. Por conseguinte, a categoria da totalidade vincula-se à práxis. A práxis, por sua vez, se apresenta como a categoria filosófica (e pedagógica) fundamental do materialismo histórico dialético de tal forma que o fazer história é inseparável da práxis. Com efeito, a práxis move-nos em direção à formação humana, ao materialismo e, não menos importante, à ontologia do ser social (LUKÁCS, 2013; SOUSA JÚNIOR, 2021).

Trata-se de uma pesquisa de cunho teórico-bibliográfico. No trabalho, sustentamos que o PME é uma elaboração pedagógica mais radical e abrangente dada a pujança do seu enfoque, centrado na materialidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme destacado por Caldart (2012) vivemos em um tempo de grandes desafios que exige que repensemos as bases radicais da formação humana. Tal exigência, ainda segundo a autora, ganha relevância considerando os retrocessos civilizatórios de um modelo societário desumanizado em suas raízes mais profundas. “O capitalismo, sistema social ainda hegemônico no mundo, vem se mostrando cada vez mais desumanizador e cruel em sua lógica” (CALDART, 2012, p. 21). Nesse âmbito é que

podemos afirmar que a pedagogia como ciência da formação humana é convocada a meditar, de maneira radical, sobre os problemas inerentes á humanização.

Em nosso entendimento, o Programa Marxiano de Educação parece cumprir tal tarefa ao radicaliza a pedagogia socialista bem como todo o campo pedagógico progressista ao direcionar seu foco na apreensão do amplo processo de formação/educação da classe trabalhadora³. Ressalte-se que tal aspecto comparece implicitamente nos textos de Marx e Engels⁴. Com efeito, somente um conceito de educação mais amplo e densamente articulado, portanto, pensado para além dos muros da escola, pode, de fato, calibrar tal proposta.

Pensando a educação para além dos processos formais e dos espaços institucionalizados, torna-se possível identificar uma perspectiva marxiana de educação, assim como perceber nela uma constituição baseada em dois aspectos distintos: um deles corresponde às referências explícitas feitas pelo autor ao tema da educação que, embora não apareçam tão fartamente no conjunto da sua obra, se manifestam através de indicações relevantes, como a proposta de união trabalho e ensino ou de formação politécnica, ou na discussão sobre a educação pública etc.; o outro aspecto, de natureza distinta do anterior, posto que não se trata de referências explícitas, corresponde ao caráter pedagógico surpreendentemente acentuado, que se apresenta como uma qualidade, por sua vez, tão inerente às formulações marxianas que se mostra como verdadeira propriedade intrínseca delas, como se evidencia, por exemplo, em conceitos e categorias como práxis, trabalho, alienação, coisificação, revolução, emancipação, construção do homem novo, enfim. Nesse sentido, pode-se mesmo afirmar que as concepções de Marx sobre o homem, a sociedade, a história, a transformação social etc. formam uma rica perspectiva pedagógica (SOUSA JÚNIOR, 2010, p. 19-20).

No PME⁵, a educação se apresenta como fenômeno mais amplo, “entendida como momento essencial da vida humana, presente em toda atividade humana, articulada a toda práxis” (SOUSA JÚNIOR, 2010, p. 20). Com efeito, a práxis é aquela categoria que mais rigorosamente define as atividades humanas materialmente transformadoras. Com efeito, a práxis carrega em si um princípio educativo imanente (SOUSA JÚNIOR, 2010, 2021).

Se a práxis elucida o processo de autoeducação do homem vale pontuar que tal processo tem uma historicidade. Isso nos leva, então, a meditar sobre a práxis a partir da análise concreta de uma situação concreta, qual seja, a moderna sociedade capitalista.

³ Perspectiva que não vamos encontrar nas concepções pedagógicas centradas unicamente na escola (pense-se na Pedagogia Histórico-Crítica) e noutras em que o foco são os movimentos sociais populares (educação popular). Enquanto as primeiras podem ser denominadas de escolacêntricas as segundas, por seu turno, podem ser denominadas de basistas.

⁴ Para um maior detalhamento dessa problemática ver Sousa Júnior (2010).

⁵ Daqui em diante o Programa Marxiano de Educação será também indicado por meio da sigla PME.

Ressalte-se que em Marx e Engels não vamos encontrar elementos de uma história da educação.

Retomando a discussão e considerando a historicidade educativa Nesse particular, através de quais mediações desponta o desenvolvimento da consciência de classe dos trabalhadores, o movimento que vai da classe em si a classe para si? Assim sendo, o que se define como PME nada mais é do que uma concepção de educação atenta a três momentos da práxis: os aprendizados que emergem no âmbito do trabalho assalariado, aqueles que se dão na escola e, não menos importante, os aprendizados que emergem através da pedagogia dos movimentos sociais.

O Programa Marxiano de Educação se arrima indubitavelmente na totalidade. Por conseguinte, isso não significa a perda de foco na *primazia dialética de toda totalidade*. Isso também ocorre com a totalidade que atravessa o amplo processo de educação/formação da classe trabalhadora. Nesse tocante, podemos falar de uma primazia dialética presente em tal processo representada por um princípio pedagógico fundamental destacado no *Programa*. Trata-se daquela dimensão representada pelo momento da luta da classe trabalhadora que emerge do solo dos seus movimentos sociais em luta. “Nessa luta [...] reúnem-se e *desenvolvem-se todos os elementos necessários a uma batalha futura*” (MARX, 2017, p. 146, grifo nosso). Não digam que o movimento social exclui o movimento pedagógico! Não há jamais um movimento social que não seja ao mesmo tempo pedagógico.

A revolução comunista é a grande meta da pedagogia socialista. Dito isto, é preciso pontuar que tal prática não é um raio no céu azul. Por outro lado, não pode ser motivada pela mera força das ideias, por nenhum discurso desencarnado das contradições sociais mais de fundo. Dito isto, a revolução é

obra da práxis humana transformadora, articulada em pelo menos três dimensões principais: o trabalho, ou seja, o momento da produção da existência; o momento da instrução formal na escola; e, *fundamentalmente*, os processos políticos-educativos das lutas sociais (SOUSA JÚNIOR, 2021, p. 517grifo nosso).

Como podemos observar, os movimentos sociais comparecem no Programa Marxiano de Educação como práxis, ou mais precisamente, como práxis político-educativa. Trata-se do verdadeiro princípio pedagógico fundamental da pedagogia

socialista⁶. Com efeito, a superação radical da alienação, da lógica da mercadoria, do antagonismo capitalista entre homem e natureza, todos esses aspectos das *mediações de segunda ordem alienadas* só serão devidamente superados no plano das lutas sociais, que obviamente não podem prescindir do contributo da teoria materialista.

A relação movimentos sociais e educação tem estado presente nas reflexões de inúmeros autores do campo pedagógico. Mas antes mesmo de avançarmos nesse ponto lembremos que nos estudos sociológicos não faltaram tentativas de abordar essa temática, a exemplo dos estudos encaminhados por Gohn (2010, 2012).

Deslizando agora diretamente para o campo da educação, não podemos esquecer o nome do educador pernambucano Paulo Freire. No seu livro *Pedagogia do oprimido*, Freire (2005) confere uma nota de roda pé aos movimentos sociais que lutam por humanização denominando-os de *movimentos de rebelião*. Mas como observou Arroyo (2012, p. 27) ainda precisamos avançar em estudos que destaquem os estreitos vínculos entre a pedagogia de Paulo Freire e os movimentos sociais.

Ribeiro (2013) localiza a relação movimentos sociais e educação a partir do enfoque da educação popular. Para tanto, busca apreender o sentido que os movimentos sociais - particularmente o movimento camponês - atribuem à autonomia, à liberdade e à emancipação humana. Nesse processo, destaca a autora, assume relevância o *entrecruzamento de tempos* expresso no *tempo comunidade*, no *tempo escola* e, não menos importante, no *tempo trabalho*, processo esse arrimado nos princípios da *pedagogia da alternância*. O foco da autora não é a práxis, mas os tempos.

Gomes (2017) discorre sobre o papel educativo do movimento negro. A autora pontua que se trata de destacar o movimento negro como educador. Ou seja, uma força social decisiva que fez avançar a consciência da luta contra o racismo no Brasil através dos saberes emancipatórios embutidos nessa coletividade. Com efeito, a autora propõe uma pedagogia das ausências como forma de trazer à lume processos pedagógicos críticos que se desenvolvem para além das instituições formais de ensino-aprendizagem.

Caldart (2012) reflete sobre a pedagogia do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). A autor nos convoca a pensarmos os movimentos sociais como sujeitos pedagógicos que, no caso do MST produz quatro pedagogias fundamentais para a

⁶ O que afasta dialeticamente a perspectiva adotada pelo educador Justino de Sousa Júnior de outras tendências socialistas presentes no campo pedagógico brasileiro. Pois para educadores como Dermeval Saviani, Gaudêncio Frigotto, dentre outros, o princípio pedagógico fundamental da pedagogia socialista é representado pela união trabalho e ensino. Ver por exemplo Sousa Júnior (2010).

formação dos Sem Terra, a saber, a pedagogia da organização, a pedagogia da luta de classes, a pedagogia da cultura e a pedagogia da história. Caldart (2012) define o MST como um *espaço/lugar de formação humana*.

A Pedagogia Histórico-Crítica concepção pedagógica inaugurada na década de 1970 pelo educador Dermeval Saviani também vem refletindo sobre a relação movimentos sociais e educação, mesmo que, sabidamente, estejamos diante de uma proposta pedagógica centrada na escola. De fato, não há indicações nas elaborações teóricas produzidas pela PHC que traga à tona os movimentos sociais como práxis que produz aprendizados nos sujeitos que participam dessas coletividades. Em resumo, na PHC a relação movimentos sociais refere-se a como os movimentos sociais podem incorporar no interior de suas lutas uma luta específica: a luta por escola.

Arroyo (2012) é um grande defensor da pedagogia dos movimentos sociais. Miguel Arroyo já vinha fazendo avançar o pensamento pedagógico desde os anos de 1970-1980 focando sua atenção no aprendizado das lutas sociais que vinham tomando conta do cenário sociopolítico brasileiro. Talvez criticando Dermeval Saviani, que chegou a escrever um livro intitulado *História das ideias pedagógicas no Brasil*, Arroyo (2012) indaga: por que a pedagogia dos movimentos sociais não tem lugar na história das ideias pedagógicas.?

Sinteticamente podemos afirmar que os autores aqui elencados reconhecem os movimentos sociais como sujeitos pedagógicos⁷. Mas ao mesmo tempo que reconhecem processos educativos ocorrendo nas lutas sociais parecem incorrer em alguns problemas que, em nosso entendimento, o Programa Marxiano de Educação consegue superar dialeticamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das mazelas sociais como desigualdade de classes que se avolumam na sociedade burguesa, atravessada por uma crise estrutural sem precedentes, perguntamos sobre quais forças sociais serão capazes de alterar radicalmente o atual estado de coisas. Assim, atualizamos a máxima de Marx segundo a qual os homens fazem sua

⁷ Exceto Saviani (2019). Pois segundo pensamos - o que já evidenciamos em alguma medida em outra parte deste estudo - o principal expoente da pedagogia histórico-crítica não mergulha em tal temática limitando-se, quando muito, a conceber os movimentos sociais tão somente como instrumentos fundamentais na luta por educação escolar.

própria história. Esse quefazer resulta inescapavelmente de uma tomada de consciência estreitamente vinculada à processos educativos colados à dinâmica social, notadamente quando pensamos tais processos como resultado da luta de classes. Nesse âmbito, a pedagogia dos movimentos sociais indaga mais radicalmente o campo pedagógico considerando que as lutas coletivas constituem importantes mediações para a formação humana. Com efeito, somente uma concepção radical de educação pode tematizar a pedagogia dos movimentos sociais e localizá-la na totalidade da educação dos “de baixo”. Neste trabalho, buscamos trazer a pedagogia dos movimentos sociais para o campo de reflexão do Programa Marxiano de Educação. Tal concepção pedagógica compreende os movimentos sociais como práxis político-educativa inserindo-a no amplo processo de formação/educação da classe trabalhadora. E ainda: elege tal prática como o verdadeiro princípio pedagógico da pedagogia socialista. Nesse tocante, o Programa Marxiano de Educação opera um desvio substancial quando pensamos sobre aquelas rotas pedagógicas que assinalam que a escola é tudo, esgotando, assim, a riqueza educativa de outras práticas essenciais à tomada de consciência.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BRAZ, Marcelo. **Partido e revolução: 1848-1989**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- CALDART, Roseli. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- FOSTER, John Bellamy. **A ecologia de Marx: materialismo e natureza**. São Paulo: Expressão Popular, 2023.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- LOWY, Michael. **Ideologia e ciência social: elementos para uma análise marxista**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público; Londrina: Editora Planta, 2004.

LEHER, Roberto. **Prefácio**: uma iluminação sobre o sentido socialista do público. In: Almeida, Jane Barros. **Educação e luta de classes**: a experiência da educação na Comuna de Paris (1871). Campinas, SP: Editora Alínea, 2016.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. **A educação para além do capital**. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Boitempo, 2017.

PINTO, Álvaro Vieira. **A sociologia dos países subdesenvolvidos**: introdução metodológica ou prática metodicamente desenvolvida da ocultação dos fundamentos sociais do “vale de lágrimas”. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês, trabalho e educação**: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SOUSA JÚNIOR, Justino de Sousa. **Marx e a crítica da educação**: da expansão liberal democrática à crise regressivo-destrutiva do capital. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

_____. **A crise da escola**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

_____. **Práxis, ontologia e formação humana**. São Paulo: Lisbon Press, 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano**: novas aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2019.

TONELO, Iuri. **No entanto ela se move**: a crise de 2008 e a nova dinâmica do capitalismo. São Paulo: Boitempo/Iskra, 2021.